

Pós-Pentecostalismo – apontamentos teológicos e sociológicos

Post-Pentecostalism - theological and sociological notes

Samuel Pereira Valério¹
samuelpv@ig.com.br

Resumo

A dinâmica do campo religioso Pentecostal tem sido fonte de muitas pesquisas. Este fenômeno religioso tem atraído muitos olhares, e, de forma especial, tem tentado compreender aspectos que são relevantes para os cientistas da religião e teólogos. Partindo deste pressuposto, e pensando na igreja Pentecostal atual e sua pluralidade, gostaríamos de fazer algumas observações, ressaltando alguns elementos presentes dentro dessas igrejas. É evidente que não pretendemos esgotar a discussão, mas apenas fazer algumas observações, ressaltando as diferenças entre Pentecostais e Pós-Pentecostais.

Palavras chaves: Pentecostalismo, Pós-Pentecostalismo, Igreja Pentecostal.

Abstract

The dynamics of the Pentecostal religious field has been the source of many researches. This religious phenomenon has attracted many eyes, and, in particular, has tried to understand aspects that are relevant for scientists of religion and theologians. Based on this assumption and thinking about the current Pentecostal church and its plurality, we would like to make some comments, highlighting some elements present within these churches. It is clearly that we do not intend to exhaust the discussion, but just make a few remarks, highlighting the differences between Pentecostals and Post-Pentecostals.

Keywords: Pentecostalism, Post-Pentecostalism, Pentecostal Church.

Introdução

O Pentecostalismo tem a cada dia se afastado do Neo-Pentecostalismo, ou Pós-Pentecostalismo². Propomos esta nomenclatura, que não é nova, mas oportuna, pois o Pós-Pentecostalismo não guarda praticamente nada do Pentecostalismo clássico. Este movimento emergente no Brasil tem conquistado muito espaço, quer seja atraindo fiéis de outras denominações cristãs, ou ainda, seguidores de outros segmentos religiosos.

¹Bacharel em Teologia – Mackenzie. Mestrando em Ciências da Religião PUC-SP. Bolsista Capes. Membro do GEPP (Grupo de Estudo de Protestantismos e Pentecostalismos da PUC-SP).

²Siepierski, 1997 talvez seja um dos primeiros a se utilizar dessa nomenclatura, mas o termo tem o mesmo significado que Neo-Pentecostalismo.

Juntos, Pentecostalismo e Pós-Pentecostalismo são a maior parte da população evangélica brasileira³.

Os Pentecostais são classificados, entre os pesquisadores de religião, como um ramo próprio, diferente dos protestantes históricos, embora de mesma linhagem. Na classificação “Pentecostal” encontramos ainda a subclasse dos “Neo-Pentecostais”. (Abumanssur, 2005: 124)

Gostaríamos de fazer alguns apontamentos teológicos e sociológicos comparando as eventuais diferenças e convergências entre as duas igrejas.

1. Origem do Pentecostalismo moderno

1.1. Parham, em Topeka

As igrejas Pentecostais modernas ou clássicas surgem no *Bethel Bible College*, em Topeka, Kansas, EUA, no culto de virada do ano de 1900 para 1901, onde Charles Fox Parham (1873-1929) era diretor e professor.

O pastor Parham, personagem deste período, um homem que, não sem motivos, a historiografia pentecostal tende a ocultar. Há suspeita de ser homossexual, e sua simpatia e inclinações racistas e com a Ku Klux Klan, e a doutrina que ensinava que os anglo-saxões eram descendentes das doze tribos perdidas de Israel após o exílio da Assíria. (Campos, 2005: 104)

No culto de virada de ano de 1900 para 1901, na escola de Parham, houve uma manifestação espiritual. A jovem aluna Agnes Ozman recebeu o “*batismo no Espírito Santo*”⁴, começou a “*falar em línguas*”⁵, dando início assim, ao pentecostalismo no século XX. Parham afirmou:

Impus minhas mãos sobre ela e orei. Eu mal havia completado três frases, quando a glória de Deus desceu sobre ela. Uma auréola

³<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1489&z=cd&o=13&i=P> (em 20/06/2013 as 12:00).

⁴*batismo no Espírito Santo* é o termo usado para manifestações espirituais no culto pentecostal. Synan, 2009, p. 45.

⁵*falar em línguas* é o termo usado para manifestação da *glossolalia*, seria a mesma manifestação bíblica de Atos 2. *Xenolalia* é a manifestação espiritual de falar em línguas, neste caso, se faz alusão a Atos 2, quando as pessoas que estavam presentes na Festa de Pentecostes em Jerusalém, ao descer o Espírito Santo, entendiam o que os discípulos de Jesus diziam em seus próprios idiomas. Acredita-se que a xenolalia é a capacidade dada pelo Espírito Santo para que a pessoa fale outro idioma sem nunca ter estudado e nem tão pouco escutado o mesmo. Talvez o segundo termo seja o mais apropriado.

luminosa parecia envolver sua cabeça e seu rosto, e ela começou a falar em chinês. Durante três dias, não conseguiu falar uma palavra em inglês. Ela tentou escrever em inglês, para assim contar a experiência, mas só escrevia em chinês. Cópias do que ela escreveu foram publicadas em jornais da época. (Synan, 2009: 66)

Parham é tido como o primeiro a desenvolver uma teologia pentecostal, afirmando que “*falar em línguas*” era uma evidencia física do “*batismo no Espírito Santo*”. Entendia ainda que seus alunos não precisavam estudar outros idiomas, pois a capacitação era dada pelo Espírito Santo, faria com que eles, indo pregar em outras nações seriam compreendidos na língua natal, fazendo alusão bíblica a Atos 2⁶.

1.2. *Seymour, em Los Angeles*

O movimento Pentecostal do século XX expandiu-se em Los Angeles, EUA, em 312, Azusa Street numa antiga Igreja Metodista Episcopal Africana (Synan, 2009: 18), onde afros descendentes e imigrantes, na grande maioria, reuniam-se para buscar o “*batismo no Espírito Santo*”.

Seymour começa a reunir-se com vários irmãos em cultos de oração para receberem o que chamavam até aquele momento como “*segunda benção*”⁷, a qual ele também chamava de “*santificação plena*”. Estes termos foram criados pelos metodistas.

Pesquisas anteriores sobre Pentecostalismo já exploraram a história deste movimento nos EUA, e, por esse motivo, não exploraremos muito o assunto, mas trataremos mais a frente em nosso artigo fatos onde ficará explícito questões diretas a respeito do mencionado movimento.

1.3. *As três ondas do Pentecostalismo brasileiro*

O Pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910 com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911) e estas duas dominam o “campo pentecostal” durante 40 anos, pois suas rivais

⁶ O texto bíblico de Atos 2 relata o dia de Pentecostes, onde o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos de Jesus.

⁷ “*segunda benção*” e “*santificação plena*” são termos usados no Pentecostalismo para dizer que a conversão precisava ser continua na vida do fiel.

(vindas do exterior, como a Igreja de Deus, ou cismas da Assembleia, como a Igreja de Cristo) são inexpressivas. A Congregação após grande êxito inicial permanece mais acanhada, mas a Assembleia se expande geograficamente neste período como a Igreja protestante nacional por excelência. Em alguns estados do norte, o protestantismo praticamente se reduz a ela. Para todos os efeitos a única grande igreja protestante a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio-São Paulo, a Assembleia firmou, nas primeiras décadas, uma presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 1950-1960, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grupos grandes (em meio a dezenas de menores) surgem: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Deus é Amor (1962). O contexto desta pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos de 1970 e ganha força nos anos de 1980. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e um grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. (Freston, 1994: 70-71)

1.4. Pentecostalismo e secularismo

É verdade que hoje em dia não resta praticamente nada do Pentecostalismo do início do século XX, e isso é natural, pois as mudanças e avanços alcançados no século passado transformaram a sociedade e como consequência a igreja Pentecostal. Hoje dentro dessas igrejas as pessoas estão secularizadas e, em alguns casos, não há mais sequer resquícios do Pentecostalismo moderno.

A espiritualidade Pentecostal, com ênfase nos sentimentos e emoções, plenos de arroubos estáticos, não abre mão de uma racionalidade da fé que possa dar ao crente instrumentos operativos para ordenar e manter sob controle sua relação cotidiana com o sagrado. As experiências místicas são vistas aqui como um atestado de idoneidade religiosa que garante ao fiel o direito de esperar e receber na vida diária as bênçãos de Deus. (Abumanssur, 2005: 123)

A teologia Pentecostal que sempre foi dispensacionalista⁸, e continua sendo, aproximou-se de outros ramos doutrinários tem se distanciado dos primórdios. Aquela doutrina onde se dava ênfase a manifestações dos dons espirituais e a escatologia de longe já não são mais o centro das mensagens dos pregadores Pentecostais. Hoje tem se mesclado com algumas outras doutrinas cristãs evangélicas Neo-Pentecostais como cura interior e libertação⁹, confissão positiva¹⁰, entre outras.

Freston aponta as igrejas que hoje chamamos de Neo-Pentecostais como uma terceira onda do Pentecostalismo¹¹, entretanto torna-se de um movimento muito diferente do que conhecemos do Pentecostalismo moderno. Essas diferenças são latentes em sua teologia, liturgia, administração eclesiástica, hierarquia na liderança, grandes templos sedes, entre outros apontamentos que podem ser feitos. O que hoje chamamos de Neo-Pentecostalismo, poderia ser chamado de Pós-Pentecostalismo, pois não há similaridades do que chamamos de Pentecostalismo moderno. Não se podia dimensionar naquele momento em que fenômeno midiático, popular, e a proporção que acabou se tornando. A grande virtude do autor é sistematizar historicamente a presença dessas igrejas em território nacional, o que não pode ser desprezado.

2. Características do Pós-Pentecostalismo

O Pós-Pentecostalismo é um afastamento do Pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual (Siepierski, 1997: 51). Tem como característica principal a inserção de elementos “*não cristãos*” dentro de sua liturgia e ensinamentos. O Pós-Pentecostalismo é genealogicamente protestante, mas não o é teologicamente. E isso tem profundas implicações sociológicas (Siepierski, 1997: 52). É comum dentro do Pós-Pentecostalismo ver cultos com sal grosso, ex-pais e

⁸O dispensacionalismo é uma doutrina teológica e escatológica cristã evangélica que afirma que Jesus Cristo voltará pela segunda vez, e que será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento e um período de sete anos de tribulação, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do reino de Deus na Terra. É mais difundida nas igrejas Pentecostais.

⁹“*Cura interior e libertação*” é uma sub-doutrina da doutrina da prosperidade, ensina que o fiel deve buscar na profundidade da alma razões que o prendam a comportamentos condenados pela igreja. Atribuem tais comportamentos a questões espirituais e dão todo mérito aos demônios, tirando de si toda a culpa e responsabilidades por eventuais más atitudes.

¹⁰“*Confissão positiva*” é outra sub-doutrina da doutrina da prosperidade. A expressão pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, já que a fé é uma confissão.

¹¹Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Sara a Nossa Terra, Renascer em Cristo, entre outras.

ex-mães de encosto dando conselhos aos que ligam para programas de TV. Vendem-se muitos objetos que podem, dizem eles, “*representar a benção de Deus em nossa casa*”. Para haver intercessão, em muitos casos o pastor pega uma foto ou uma peça de roupa que irá representar ao que necessita da “*intercessão divina*”. Na história recente da igreja cristã evangélica não houve tamanha investida nesse sentido.

A comercialização da fé e de elementos da fé faz o maior sucesso. O fiel adquire objetos que trazem consigo “*poderes mágicos*”, capazes de resolver os problemas da vida. O que lhe dá a sua configuração específica é o fato da comercialização de bens espirituais, e não o fato de serem espirituais os bens comercializados. (Alves, 1988: 115)

Rubem Alves vai mais além e caracteriza tais igrejas como empresas de cura divina, e indaga se essas empresas de cura divina devem ser classificadas de religião. (Alves, 1988: 115)

Ao cliente da cura divina pouco importa compreender o que está acontecendo. O que importa é que a coisa funcione. Se não funcionar, ele pouco tem a perder. Sem a cura divina, ele estaria no desamparo, de qualquer forma. Mas a obsessão acrítica não é o monopólio da superstição mágica. Na verdade, na medida em que estamos mergulhados num mundo de botões que fazem luzes acender e televisões funcionar, de pílulas que nos fazem dormir, de aparelhos que funcionam sem que saibamos como, para produzir o que queremos, somos habitantes de um mundo mágico – rigorosamente utilitário. Se a coisa funciona, porque pensa-la? Atrofia-se a razão crítica; expande-se a razão operacional. O pensamento está se tornando uma impossibilidade cada vez maior. E a sua impossibilidade é o reverso de sua impotência. Um mundo onde os homens são reduzidos a condição de objetos manipuláveis, e manipulados, sem que lhes seja dado compreender o porquê de sua condição, só pode ser compreendido segundo o modelo mágico, ou seja, da manipulação eficaz, cujos fundamentos são desconhecidos. A onipotência do desejo, em operação neste vasto contexto cultural, fala, realmente da impotência real dos agentes. Um mundo inacessível a ação dos homens não pode ser compreendido. A cura divina se nos apresenta, assim, como um produto natural da sociedade racional, empresarial, capitalista; uma revelação da profunda irracionalidade incrustada em sua racionalidade cultural. (Alves, 1988: 116-117)

Em muitas dessas igrejas as pessoas tem tantas doenças, caroços, e todo tipo de enfermidades, e quando o “*apóstolo*” tal ora, o “*milagre*acontece”. Estes líderes se

apropriam do “*divino*” para legitimarem seu discurso, e arrastam multidões, sem haver, muitas vezes, coerência lógica no que falam.

As igrejas Pós-Pentecostais utilizam vários meios e lugares de pregação, sejam desde uma simples camiseta com dizeres bíblicos, templos pequenos e grandes templos, até meios de comunicação como rádio e TV.

Por conta dessas formas de inserção e acomodação a sociedade, cresce o número de conversões de indivíduos de classe média, de empresários e de uma variada gama de profissionais, entre eles, atletas, artistas, modelos, cantores e políticos, os quais, antes dessa contextualização doutrinária e comportamental promovida pelos neopentecostais, teriam em muitos casos até de abandonar suas carreiras se quisessem ser batizados e prosseguir na nova fé numa igreja pentecostal tradicional. (Mariano, 1998: 24)

2.1. Crescimento Pós-Pentecostal

Poderíamos atribuir o crescimento dessas igrejas por vários motivos, mas a sua visão empreendedora de marketing e corporativa, promovem crescimento através de metas financeiras a serem batidas. Essas igrejas são sem dúvida verdadeiros fenômenos de crescimento e arrecadação financeira.

Uma das razões para o sucesso numérico do Neo-Pentecostalismo reside justamente na capacidade de – ao reconhecer a ululante inexpressividade cultural e política do velho modelo Pentecostal sectário, contracultural e ascético – se contextualizar, de se flexibilizar, de se acomodar, de se secularizar. Seu sucesso, portanto, implica o declínio no comportamento com crenças e práticas puritanas, o abandono do ascetismo, a perda, enfim, da distintividade da conduta e aparência dos adeptos. (Mariano, 1998: 24)

O fato é que tais igrejas têm dado uma contribuição significativa para pesquisas no campo religioso. Elas têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores de religião em nossos dias.

3. Apontando algumas diferenças

3.1. Igrejas Pentecostais Clássicas

As igrejas Pentecostais clássicas caracterizam-se pela manifestação dos dons espirituais citados na Bíblia, principalmente em At. 2.1-11; Rm. 12.6-13; 1Co. 12.7-11; 1 Co.14; Ef. 4.11-13. Tais igrejas, pautadas em nestes textos, administram as manifestações espirituais de forma bem semelhante. Essas igrejas têm, em sua grande maioria, uma liturgia bem rígida, baseada, muitas vezes em “*revelações*” e “*profecias*”. O fato é que historicamente elas se parecem muito, e atribuem ao movimento de Azusa Street seu surgimento.

Essas igrejas que basicamente creem na mesma doutrina apegando-se de forma particular a manifestação dos dons espirituais. Geralmente foram igrejas que até pouco tempo, as mulheres não cortavam os cabelos, não usavam calças compridas, não se maquiavam, tentando assim se “*libertarem*” daquilo que consideravam “*mundano*” e “*vaidade*”. Os homens por sua vez, não usavam bermudas ou shorts, usando geralmente terno ou roupas social, cabelos e barbas sempre bem aparados, passando sempre um ar de seriedade e mal humor. Ambos os sexos abstinham-se de TV, cinema, revistas seculares, e eram alienados politicamente, pois, no caso da política, entendiam que a militância era algo que desagradava a Deus, não estavam inseridos no ensino superior, pois entendiam que “*a letra mata, mas o Espírito vivifica*”¹². Outro ponto doutrinário importante é que as igrejas pentecostais pregam muito sobre a volta de Cristo, juízo final, vida eterna. Este estereótipo de cristão evangélico Pentecostal durou até a década de 1980, quando, aos poucos, muitos desses paradigmas foram extintos. Após essa extinção, começaram a surgir igrejas pentecostais com práticas diferentes. Elas pareciam mais com as igrejas do protestantismo histórico, mas com manifestações dos dons espirituais. Naquela época foi uma “*revolução*”. Dentro dessas igrejas surgiram bandas de música, ministérios de louvor, danças, coreografias, e principalmente jovens interessados em uma militância política, abrindo assim, novos espaços para os cristãos evangélicos pentecostais. Hoje os jovens pentecostais estão inseridos nas universidades, pós-graduações, mestrados e doutorados. Estão presentes na política através da bancada evangélica, que hoje já tem um grande poder de barganha com outros grupos políticos. Guardam ainda doutrinas básicas que norteiam até hoje o movimento pentecostal clássico.

¹² Fazem uma alusão a 2 Coríntios 3:6, mas isolando o versículo restante do texto, não observando uma regra básica de hermenêutica.

O Pentecostalismo autônomo promove uma modalidade de conservadorismo que acaba por contribuir para uma melhoria da qualidade de vida das pessoas, sobretudo por meio da poupança compulsória, referenciada em valores morais e religiosos. A forte emotividade, um dos fatores fundamentais da espiritualidade Pentecostal, cria condições para que as pessoas abandonem vícios, hábitos violentos e superem sociopatias. A dimensão terapêutica dessa religiosidade cria fatos que falam alto e meio as coletividades e que logram adesões que vão desde passistas de samba até militantes das Cebs, passando por jovens das classes intermediárias. Essa síndrome de conversões, distribuídas pelas diferentes camadas sociais tem intrigado os cientistas da religião. Indubitavelmente, o Pentecostalismo autônomo tem produzido uma mensagem religiosa que vai de encontro a boa parte das necessidades subjetiva das populações urbanas, em conformidade com o modo que elas próprias interpretam tais necessidades – a partir do senso comum. (Bittencourt Filho, 1998: 223)

O Pentecostalismo tem de alguma forma, atingido sua proposta como uma opção religiosa concreta para os dias atuais. Temos hoje dentro do movimento os mais variados tipos de igrejas, atingindo os mais variados tipos de pessoas, e propondo uma forma de religiosidade mais amena do que o Pentecostalismo anterior à década de 1970 e mais rígido do que o catolicismo atual.

3.2. Pastores Pentecostais

De forma mais genérica nas igrejas pentecostais os pastores trabalham voluntariamente para a igreja sem receber sequer ajuda de custo. Em alguns casos algumas igrejas sustentam os líderes financeiramente, provendo a prebenda pastoral, aluguel, plano de saúde, recolhendo INSS, e ainda dando uma ajuda para o combustível. Mesmo assim estes pastores não levam uma vida superior economicamente da sua comunidade, na maioria dos casos. Nos dias atuais muitos pastores pentecostais tem procurado o aprimoramento acadêmico. É comum haver pastores cursando pós-graduação, mestrado e doutorado, seguindo uma tendência da igreja Pentecostal atual. É verdade também que não é a realidade da maioria, mas na maioria dos casos, os pastores pentecostais têm estudado teologia, algo que não era exigido por suas denominações, mas conforme a demanda se faz necessário atualmente.

3.3. Igrejas Pós-Pentecostais

Em tais igrejas não há quase resquícios do Pentecostalismo clássico. Baseiam quase todas as suas doutrinas e ensinamentos na *“Teologia da Prosperidade”*¹³. Têm como característica principal o seu ensino que o fiel deve ter evidências materiais da benção de Deus.

De forma geral a ideia é essa: *“o fiel chega a determinado ministério, e ali, começa a conquistar bens materiais de forma milagrosa, demonstrando assim que o poder de Deus está agindo em sua vida através daquela igreja”*. Em muitos casos esses fieis eram membros de outras denominações evangélicas, mas, relacionam a sua chegada a igreja a virada financeira em sua vida.

Propõem então que o desfrutar de bens materiais é consequência direta de estar fazendo a vontade de Deus. Citam versículos bíblicos como: Dt. 28.13; Is. 53.4, 5; Gl 3.13, 14, entre tantos outros que poderiam ser citados, para fundamentarem a sua mensagem.

As igrejas Pós-Pentecostais têm crescido de forma muito rápida e constante. Alcançam um crescimento notável e surpreendente no campo religioso nacional. Trata-se de verdadeiros fenômenos religiosos atuais. Trazem consigo uma estrutura empresarial e organizacional que ultrapassa qualquer visão de igreja que se tinha até então. São donas de editoras, emissoras e programas de rádio, programas e emissoras de TV, constroem edifícios faraônicos para servirem de salões de reunião, gravadoras de CDs, DVDs e blu-rays, aviões e helicópteros, casas não só no Brasil como também no exterior, carros importados blindados, e ainda contam com uma estrutura de pessoas como secretárias, motoristas, empregados e seguranças, é claro. Toda essa estrutura para ostentar o discurso que seu ministério é próspero.

As manifestações espirituais estão diretamente ligadas aos líderes da igreja. Esses líderes detêm o sagrado em suas mãos. O falar em línguas, entre outros dons espirituais, manifestação tão comum nas igrejas Pentecostais, restringe-se geralmente

¹³ Nos anos 1950 que a teologia da prosperidade ganhou proeminência nos Estados Unidos. Os ensinamentos ganharam força no Movimento Palavra de Fé e no televangelismo dos anos 1980. Nos anos 1990 e 2000, foi adotada por líderes influentes do Movimento Carismático e promovida por missionários cristãos em todo o mundo, levando à construção de megaigrejas. Líderes que trabalharam no desenvolvimento dessa teologia incluem E. W. Kenyon, Oral Roberts, T. L. Osborn e Kenneth Hagin, este último, o mais famoso.

aos pastores, missionários, bispos e apóstolos. Recebem revelações de pessoas que estão enfermas com vários tipos de doenças e detém ainda a cura para esses males. Atribuem muitas dessas doenças a falta de fé dos fiéis para não ofertarem a igreja, pautando-se em Mt. 3.10, 11. O discurso quase sempre relaciona necessidades e dificuldades financeiras a espíritos malignos, encostos ou demônios. Ainda no discurso eles dizem aos fiéis que quanto “*mais você dá, mais você recebe*”, utilizando o texto de 2Co. 9.6, 7. Atualmente um pregador está dizendo na rádio que no mínimo Deus vai dobrar aquilo que você tem. Se isto não ocorrer é porque lhe faltou fé, diz ele. Ainda diz que se você sonha em ganhar determinada quantia mensal de salário, você deve dar o dízimo desse valor, como uma forma profética de conquistar isto. Coisas como essas são corriqueiras na fala dos líderes de igrejas Pós-Pentecostais fazendo com que tudo no discurso deles está certo, se algo não acontecer é puramente falta de fé do fiel.

3.4. *Pastores Pós-Pentecostais*

Os novos “*milionários da fé*” moram em grandes palácios, vestem ternos e gravatas de grifes famosas, sapatos e cintos de couro de jacaré, voam em jatinhos que valem milhões de dólares, andam em carros importados blindados caríssimos, pregão para um número mínimo determinado de pessoas, se o evento não alcançar o número mínimo de fiéis, desmarcam o compromisso em cima da hora, querem hospedagem em hotéis cinco estrelas, restaurantes refinados, bebidas caras, e, é claro, um bom cache. Estão cercados de seguranças e de um arsenal de assessores que lhes prestam verdadeira adoração e reverência. Tais pessoas estão tão envolvidas com o ensino destes “*pastores pop stars*” que não percebem o que está acontecendo ao redor.

É verdade ainda que este estereótipo não condiz com a realidade da maioria dos pastores Pós-Pentecostais, a realidade da maioria é bem diferente. Tentam exteriorizar através de uma fala sempre otimista e agressiva ao mesmo tempo uma visão de realidade que não vivem na prática cotidiana.

Considerações Finais

Para refletirmos

Porque será que as igrejas Pós-Pentecostais crescem mais do que as Pentecostais? Será que este discurso carregado de tantos elementos místicos, liturgias e rituais miscigenados com religiões afro brasileiras atraem mais do que a mensagem Pentecostal?

Não sabemos se podemos responder as perguntas acima, mas vamos pensar um pouco sobre elas.

Vivemos em um país emergente com grandes necessidades sociais como, alfabetização, saneamento básico, eletricidade, saúde, segurança pública, fome, miséria, desemprego, desigualdade social e discriminação em várias esferas. A igreja Pós-Pentecostal encontrou no Brasil um território muito propício para seu discurso e o seu crescimento. Alguns desses elementos podem nos ajudar a compreender o ocorrido, mas é claro, não é só isso. A mídia utilizada pelas igrejas Pós-Pentecostais mostra sempre um fiel que estava com a sua vida financeira, afetiva e espiritual destruída, mas que após conhecer determinado ministério, tudo se transformou. Parece-nos que o povo brasileiro, por conta de toda a sua carência se apegava a este tipo de mensagem. Quanto à segunda questão, entendemos que o povo brasileiro gosta muito de sincretismo religioso, e como estas igrejas trazem em suas bagagens doutrinárias elementos de outras religiões, é, sem dúvida, um fator determinante para cair na graça do povo. Um povo que no que diz respeito as suas crenças, pratica a dupla pertença com a maior naturalidade, não questionando se uma crença é antagônica a outra.

O apóstolo Paulo, escrevendo em Fp. 4.15-19, diz que existem diversos motivos para se pregar, mas o importante é que Cristo seja pregado. Não nos cabe qualquer tipo de julgamento, queremos apenas demonstrar, através de simples comparações, as diferenças das igrejas Pentecostais e Pós-Pentecostais. Trata-se de segmentos religiosos distintos, e, portanto, apesar de serem dois tipos de igrejas cristãs evangélicas, não há quase nada em comum. Tanto a igreja Pentecostal como a Pós-Pentecostal tem uma importância numérica muito grande para o Censo, hoje boa parte das igrejas evangélicas brasileiras são Pentecostais e Pós-Pentecostais, segundo IBGE. Por este percentual podemos ver a importância dos dois segmentos dentro do campo religioso brasileiro. É preciso se pesquisar muito sobre o assunto para que possamos aprofundar nossas discussões e caminhar adiante.

Referencias Bibliográficas

ABUMANSUR, Edin Sued. *Os Pentecostais e a modernidade*. In: PASSOS, João Décio (org.). *Movimentos do Espírito*. São Paulo. Paulinas, 2005. (Coleção Ecclesia 21)

ALVES, Rubem. *A empresa da Cura Divina. Um fenômeno religioso?* In: VALLE, Edenio – QUEIROZ, José J. (org.). *A cultura do povo*. São Paulo. Cortez Editora, 1988.

BITTENCOURT FILHO, José. *Os caçadores da identidade perdida: o protestantismo histórico brasileiro as voltas com os pentecostalismos*. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo. Paulinas, 1998.

CAMPOS, Leonildo S. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro*. In: REVISTA USP, São Paulo, n.67, setembro/novembro 2005.

FRESTON, Paul. *Breve história do Pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: novo modo de ser pentecostal*. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo. Paulinas, 1998.

SIEPIERSKI, Paulo D. *Pós Pentecostalismo e Política no Brasil*. estudos teológicos, n° 37, n° 1, 1997, p. 47-61.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo. Ed. Vida, 2009.